



SINOPSE:

1908 – o ano da morte do grande dramaturgo Arthur Azevedo é ponto de partida para uma divertida “Revista de Ano” que tem como objetivo homenageá-lo. Partindo da estrutura revisteira, Caio de Andrade criou uma divertida comédia recheada de música, personagens alegóricos e inusitadas situações que contam, entre números de cortina e outros artifícios, a saga de uma companhia de teatro falida que precisa montar uma “Revista de Ano” para continuar existindo. Alegria, humor e uma boa dose de irreverência fizeram de “Geringonça” um grande sucesso da temporada carioca.

ELENCO:

• Beth Lamas, Karan Machado, Larissa Bracher, Marcelo H, Paulo César Grande, e Xando Graça.

FICHA TÉCNICA:

- Texto e Direção: Caio de Andrade
- Cenário: Adriana Lima
- Figurino: Ernani Peixoto e Michele Augusto
- Iluminação: Adriana Ortiz
- Pesquisa: Fernando Mencarelli
- Preparação Corporal: Ana Paula Bouzas
- Design Gráfico: M. Moraes Design
- Fotografia: Jefferson Martins
- Produção Executiva: Marco Pólo / Regina Monteiro
- Direção de Produção: Larissa Bracher / Silvia Rezende
- Realização: Larissa Bracher Produções Artísticas

TEATRO:

- Teatro Maison de France
- Teatro das Artes
- Excursão nacional.

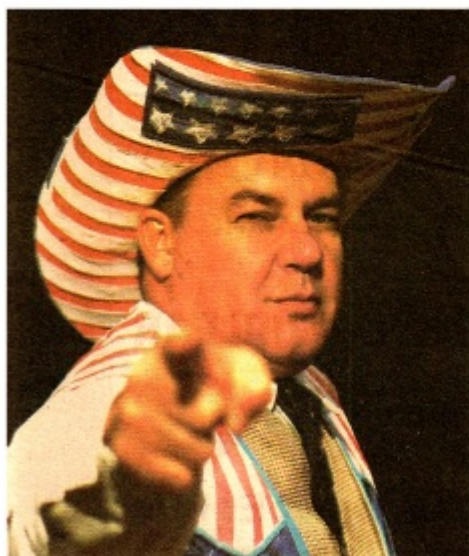
PREMIAÇÕES:

- Prêmio Caravana Cultural – Funarte
- Jornal O Globo – Lista dos Melhores Espetáculos do Ano.

Geringonça

13/11 - 18:30 - Teatro Municipal

Uma homenagem inteligente ao poeta Arthur Azevedo



Geringonça se passa no ano de 1908, e conta a história de uma companhia de teatro falida que gastou seus últimos vinténs na construção de um palco sobre rodas – a geringonça propriamente dita –, para ter onde se apresentar. Mas, ao montar sua própria “revista”, inesperadamente ocorre a morte súbita do autor, Arthur Azevedo.

A partir daí, os atores se desdobram para finalizar a obra, com a ajuda de personagens alegóricos que de alguma forma fizeram parte importante daquele ano (Santos Dumont, João do Rio, Frivolina, Avenida Central, Catulo da Paixão Cearense, a dupla Cubista, Rua do Ouvidor e ano de 1908, entre outros). Em meio a grandes dificuldades, porém, eis que, movido por sua conhecida generosidade entre outras virtudes, aparece o fantasma do autor, para dar uma ajuda.

Comédia musical aclamada pela crítica e pelo público, *Geringonça* é uma homenagem inteligente, instigante e bem-humorada aos 150 anos de nascimento do grande dramaturgo, jornalista, poeta, contista e comediógrafo Arthur Azevedo. A peça faz uma carreira de sucesso desde que estreou ano passado no Teatro Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, e é apontada como um dos dez melhores espetáculos do ano. A direção é de Caio de Andrade, e no elenco estão Paulo César Grande, Beth Lamas, Larissa Bracher, Marcello H, Gláucio Gomes e Karan Machado.



O ELENCO ENCENA os fatos mais marcantes do ano de 1908

Peça faz resgate do teatro de revista

'Geringonça' reestréia hoje no Centro

■ O dramaturgo Arthur Azevedo é lembrado a partir de hoje no Teatro Maison de France com a reestréia da peça "Geringonça". O espetáculo se utiliza de algumas convenções do teatro de revista, essencialmente musical, para retratar os principais fatos de 1908, ano da morte do escritor. Na montagem, que

tem no elenco Paulo César Grande e Beth Lamas, os cinco atores cantam e dançam.

A peça é encenada na Av. Presidente Antônio Carlos 58, Centro. A temporada segue de quinta a sábado, às 20h, e aos domingos, às 18h. Os ingressos custam R\$ 30 (quinta, sexta e domingo) e R\$ 35 (sábado).

Tribuna de Minas

CADERNO

DOIS

JUIZ DE FORA SÁBADO 26 DE MARÇO DE 2005

E-mail: dois@tribunademinas.com.br

Caderno

'Geringonça'

ECOS DO ALÉM

ARTUR AZEVEDO RESSUSCITA NA PEÇA DE CAIO DE ANDRADE, EM CURTA TEMPORADA NA CIDADE

RENATA CAPELLANO
REPORTER

O ano é 1908. Em pauta, a Exposição Nacional da Urca, no Rio de Janeiro, comentada pelo escritor Artur de Azevedo, que acabara de falecer, mas ressuscita no texto de Caio de Andrade. "Geringonça - e a maldição da revista", originalmente encenada na capital carioca, chega a Juiz de Fora quase um século depois dos acontecimentos que lhe serviram de inspiração, e nem parece. "É um espetáculo de época com clima contemporâneo. Na verdade, é o mundo de Azevedo revisitado", resume a atriz Larissa Bracher, intérprete da trambiqueira Fiona Valente.

Apoderando-se de algumas convenções do teatro de revista, "Geringonça" apega-se a uma nesga de roteiro, cujo pano de fundo evoca acontecimentos importantes do ano em que Azevedo, considerado o maior teatrólogo brasileiro, morreu. Foi quando o Brasil decidiu ser um país científica e culturalmente moderno, importou os primeiros cinematógrafos e aceitou o violonista Catulo da Canção Cearense no Conservatório Nacional de Música, apesar de seu repertório essencialmente popular. O dramaturgo falecido volta para explicar eventos que remetem a fatos e reflexões essencialmente atuais. "O palco é um lugar de discussão. Parto de algo que já aconteceu", explica Caio de Andrade, cuja obra destaca-se por abrange temas históricos.



EM CLIMA CONTEMPORÂNEO: grupo de atores se reúne para reviver a maldição da revista quase um século depois dos acontecimentos que lhe serviram de inspiração

TEATRO-MÓVEL

A geringonça do título é um teatro-móvel, um trailer de época, de propriedade do espertalhão Tibério Carijó (Isio Ghelman) e de sua esposa, Fiona. Os dois dirigem uma companhia mambembe e decidem montar uma revista para saldar uma dívida, contraída após embolsarem e torrarem o dinheiro de uma fazendeira traida e abandonada pelo marido. A mulher havia contratado o casal para encenar uma história baseada no adultério, com o objetivo de transformar o episódio num escândalo e desmoralizar o ex-cônjuge. Para tanto, paga cinco contos de réis, quantia empenhada na compra e equipagem da Geringonça. Falidos, Tibério e Fiona invocam o fantasma de Artur de Azevedo (Xando Graça), morto meses antes, para que os auxilie na empreitada de contornos sobrenaturais. A trupe dá dupla de encenqueiros conta ainda com Lorelei Feitosa (Alice Feitosa), primeira atriz cômica, e Geraldo Malheiros (Marcelo H.), o ator galã. Assim, as revistas de Azevedo serão relidas, em especial o clássico "Mambembe". "É uma homenagem a um homem que lutou pelo nosso teatro. Todos nós que vivemos nessa arte somos descendentes dele", acredita o diretor Caio de Andrade.

O espetáculo estreou no Rio, em julho do ano passado, e terminou a temporada 2004 sob elogios da exigente crítica Bárbara Heliodora, terror de autores, diretores e atores. "Um dos bons resultados dessa 'revista do ano' é que todos nós podemos aprender, e muito, com o pródigo relato dos acontecimentos, o que é precioso para gente tão sem memória quanto somos nós", avaliou, em coluna publicada no jornal "O Globo".



O teatro de revista

Gênero teatral caracterizado pela crítica de costumes, tornou-se popular no Brasil a partir do século XIX. Deriva dos vaudevilles franceses (comédias rijaídas) e, apesar do apelo popular, visava agradar a diferentes segmentos da sociedade. O acompanhamento musical era uma de suas características mais marcantes, seus autores acreditavam que comentar a realidade cotidiana com a ajuda de melodias tornava mais agradável e eficiente a transmissão das mensagens. Do texto, destacam-se as falas irônicas e de duplo sentido. O gênero também destaca-se pela preocupação visual. Para manter o clima "alegre", ao mesmo tempo em que se revelava a hipocrisia da sociedade, os cenários criados eram fantasiosos e multicoloridos. O corpo era muito valorizado, fosse pelo uso de roupas exóticas, pelo desnudamento opulento ou pelas danças.

O teatro que observa

Jornalista, poeta, contista e teatrólogo, Artur Azevedo nasceu em São Luís (MA), em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 22 de outubro de 1908. Fundou, junto com o irmão Aluisio de Azevedo e outros escritores, a Academia Brasileira de Letras. Aos 15 anos, escreveu a peça "Amor por anexas", dramatizada mais de mil vezes no século XIX. Mudou-se para o Rio em 1873, para trabalhar no Ministério da Agricultura, mas fez fama como articulista. Assinava colunas em jornais de prestígio, como "O País", "Diário de Notícias" e "A Notícia". Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos. No conto e no teatro, descobriu assuntos do cotidiano da vida carioca. Namoros, infidelidades conjugais, relações de família e de amizade, cenônias, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas das pessoas era assunto para suas histórias. Como dramaturgo, continuou a tradição satírica e crítica de Martins Pena e França Júnior, fixando aspectos da vida e da sociedade carioca. É considerado o maior representante nacional do chamado "teatro de revista" e é visto como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira. Sua obra, da qual fazem parte peças como "A jóia", "A capital federal", "A almanarra" e "O mambembe" pode ser entendida como um documentário sobre a evolução da então capital do país.

REGISTROS BEM-HUMORADOS

Artur Azevedo consagrou-se como grande nome do teatro nacional ao apostar no gênero "revistas do ano", retrospectivas apresentadas por meio de esquetes e números musicais. De maneira debochada, irônica e polêmica, ele abordava acontecimentos culturais, políticos e sociais. Ao todo, escreveu 19 revistas. "Artur foi muito criticado por adotar esse gênero, considerado um teatro menor pelos eruditos", conta Caio de Andrade. Em outubro de 1908, o

teatrólogo morre, antes de escrever a revista daquele ano.

"Geringonça" conta com a colaboração de dois consagrados artistas plásticos. Fani Bracher assina a pintura em panos e Carlos Bracher, a concepção técnica do teatro sobre rodas. O casal é pai de Larissa Bracher, que também produz o espetáculo.

□ Sábado, às 21h, e domingo, às 20h, no Teatro Pró-Música

Estréia no Teatro Municipal comédia musical “Geringonça”

Divulgação/foto de Guilherme Rodrigues.

Com duas únicas apresentações, hoje e amanhã às 20h, “Geringonça - e a Maldição da Revista”, conta a história de uma companhia de teatro falida, que gastou seus últimos vinténs na construção de uma palco sobre rodas, para que tivesse onde se apresentar. O que a companhia não esperava ao montar seu novo espetáculo, era a morte súbita do autor, o próprio Arthur Azevedo. A partir disto, os atores se desdobram para finalizar a obra, com a ajuda de personagens alegóricos (Santos Dumont, João do Rio, Frivolina, Avenida Central, ano de 1908), além do fantasma do autor, que “desce”, no intuito de ajudá-los.

Com um texto que mescla a história recente do Brasil com uma ficção criativa, Caio de Andrade apresenta ao público algumas passagens inusitadas da cultura do nosso país.

Os mais de 30 figurinos de Ernani Peixoto (indicado ao prêmio Shell – 2003) associados à moderna trilha sonora, composta especialmente para o espetáculo, fazem de “Geringonça” um progra-



ma inesquecível para todas as idades. No elenco afinado, os atores Alice Borges, Isio Ghelman, Larissa Bracher,

Marcello H. e Xando Graça divertem o público num eletrizante rodízio de personagens.